

As ideias tácitas dos alunos de 2.º ciclo do ensino básico sobre a questão dos “retornados” da África portuguesa

Isilda Monteiro*, Ana Raquel Serafim, Isabel Carneiro, Joana Oliveira, Sandra Campos**

Resumo

No 2.º Ciclo do Ensino Básico, a questão dos “retornados” da África Portuguesa é abordada na disciplina de História e Geografia de Portugal, especificando as *Metas Curriculares* (2013, 20-21) que os alunos deverão saber explicá-la no âmbito dos «problemas verificados com a descolonização portuguesa». Pela dimensão traumática de que se revestiu e cujas marcas ainda hoje são visíveis na memória individual e coletiva, o conhecimento tácito dos alunos, entendido como «um conjunto de proposições que versam aspectos da História, construídas a partir de uma pluralidade de experiências pessoais idiossincráticas e sociais, e ou mediatizadas pela fruição de artefactos expressivos e comunicativos» (Melo, 2009, 5), assume especial relevância na sua abordagem em contexto de sala de aula.

Este estudo de investigação-ação desenvolvido no âmbito da formação de professores, na Prática de Ensino Supervisionado, em duas turmas do 6.º ano, com recurso a inquéritos por questionário, realizados antes e após a intervenção pedagógica, identificou, num primeiro momento, as ideias tácitas dos alunos sobre a referida temática, para, depois, perceber qual o seu contributo para o desenvolvimento das aprendizagens significativas e qual a progressão das ideias cientificamente válidas. Superada a resistência inicial de alguns alunos que afirmavam nada saber, a recolha das ideias evidenciou algum conhecimento, mesmo que vago ou confuso, que os futuros professores tiveram em conta na preparação da intervenção pedagógica. A análise quantitativa dos dados recolhidos após a intervenção pedagógica permitiu verificar a significativa diminuição das não respostas e ideias confusas e vagas e o aumento as ideias válidas.

Palavras-chave: Didática da História; ‘retornados’, ideias tácitas, História

Abstract

On the second cycle of basic education, the issue of returnees of Portuguese Africa is addressed in the discipline of history and geography of Portugal, specifying in the *Metas Curriculares* (2013, 20-21) that students must know explain it under the ' problems with the Portuguese decolonization». The traumatic dimension that coated and whose scars are visible even today in the individual and collective memory, the tacit knowledge of students, understood as ' a set of propositions that address aspects of History, built from a plurality of personal and idiosyncratic experiences and mediatized by the enjoyment of expressive and communicative artifacts» (Melo, 2009, 5), is of particular relevance in your approach in the context of the classroom.

* Professora-adjunta, ESEPF/investigadora, CEPESE

** Estudante do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia do 2º Ciclo do Ensino Básico, ESEPF

This action research study developed in the context of teacher training, in practice Supervised education, in two classes of 6th grade, using surveys, carried before and after the educational intervention, identified, at first, the unspoken ideas from students about this subject, to then realize what is the contribution to the development of meaningful learning and what the progression of scientifically valid ideas. Overcome initial resistance from some students who claimed nothing know, the collection of ideas evidenced some knowledge, even if vague or confusing, that future teachers had in mind in the preparation of pedagogical intervention. Quantitative analysis of the data collected after the educational intervention has shown the significant decrease of no answers and confusing and vague ideas and the increasing of valid ideas.

Keywords: Didactics of History; 'returned', unspoken ideas, History

Introdução

Contrariamente ao que acontece na escola tradicional, segundo a qual o aluno é visto como um ser inapto que, gradualmente, se torna mais competente devido aos saberes fornecidos pelo professor em contexto escolar, a escola contemporânea considera que importa valorizar e reconhecer a sabedoria e todas as experiências dos alunos, uma vez que cada aluno se insere num determinado meio social, familiar, económico e político que lhe permite adquirir conhecimento e desenvolver uma opinião, por mais infundada que seja – “a escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz é uma tábua rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem” (Perrenoud, 2000, 26). As aprendizagens significativas, alicerçadas num conhecimento efetivo e duradouro, só são executáveis quando o aluno se sente integrado e vê estimada a sua história pessoal e os seus conhecimentos.

A História, “mais do que constituída por acontecimentos, é feita de representações mentais. Sabemos que toda a História é interpretativa e daí a importância da autoria, da aceitação da subjetividade inerente e da necessidade de uma transmissão ou partilha didática” (Alves, 2012, 7). Estas representações mentais contribuem para o desenvolvimento das ideias tácitas (ou prévias) de cada aluno. Definidas como “um conjunto de proposições que versam aspectos da História, construídas a partir de uma pluralidade de experiências pessoais idiossincráticas e sociais, e ou mediatizadas pela fruição de artefactos expressivos e comunicativos” (Melo, 2009, 5), as ideias tácitas, baseiam-se nas experiências e vivências pessoais dos alunos, geradas por processos primários de abstração e problematização, muitas delas pertencendo ao domínio das crenças. Enraizadas no universo cultural dos indivíduos, oferecem, por vezes, uma resistência a mudanças, numa persistência que deriva da dificuldade daqueles se distanciarem e de

exercerem uma autocrítica (Melo, 2001, 45). As ideias tácitas são fáceis de serem recordadas, porque decorrem, frequentemente, de contextos vivenciais que foram ou são relevantes para os alunos (sensibilidade, sentimentos, entre outros).

Embora este conhecimento prévio seja pontualmente reconhecido pelos próprios alunos e professores, como independente e/ou concorrente do conhecimento científico ou curricular, estudos recentes têm demonstrado que condiciona não só a forma como os alunos apreendem o conhecimento histórico, como as opções didáticas dos próprios profissionais da educação. As ideias tácitas que os alunos possuem e transportam para a sala de aula, constituem um instrumento e um ponto de partida valioso e essencial para a elaboração dos planos de aula de cada docente. Reconhece-se atualmente que os professores, “que sabe[m] como utilizar os conhecimentos prévios dos seus alunos, que os orienta[m] para a pesquisa da informação, que promove[m] na aula a análise dessa informação, transformando-a em conhecimento útil, que fomenta[m] a reflexão, de forma a construir conhecimento histórico fundamentado e fundamental para a compreensão do mundo, dota[m] os seus alunos de consciência histórica” (Veríssimo, 2004, 7). Consequentemente, a relação que se estabelece entre a ideia tácita e, posteriormente, o conceito fundamentado de forma científica dará lugar à aprendizagem significativa, logo duradoura, da matéria em questão. Esta é o objetivo central da ação do professor, com recurso a estratégias centradas no aluno, tornando-se este uma parte ativa no seu próprio processo de ensino aprendizagem. Em suma, e retomando a ideia inicial, o levantamento destas ideias constitui a forma mais eficaz do professor tomar conhecimento das representações mentais dos seus alunos sobre os mais diversos conteúdos, nomeadamente na História e Geografia de Portugal, assim como os seus interesses e motivações, para, a partir delas, promover a aprendizagem.

Metodologia

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado do Ensino de 1º Ciclo e de Português, História e Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvemos uma experiência didática em duas turmas do 6º ano, com o objetivo de perceber quais as ideias tácitas dos alunos sobre a questão da descolonização e dos “retornados” da África Portuguesa, que pela dimensão traumática de que se revestiu e cujas marcas ainda hoje são visíveis na memória individual e coletiva marcam a sociedade portuguesa atual, e de que forma estas podem condicionar e/ou motivar a abordagem desse conteúdo na referida disciplina. Incluído no programa do 6º ano, no domínio “Portugal do século XX”, subdomínio “O 25 de abril de 1974 e o

regime democrático”, as Metas Curriculares identificam para o objetivo “Conhecer e compreender as consequências do 25 de abril de 1974 ao nível da democratização do regime e da descolonização” os seguintes descritores de desempenho:

“4. Relacionar o 25 de abril com a descolonização e com o fim do Império. 5. Explicar os problemas verificados com a descolonização portuguesa, destacando a questão dos “retornados” e a questão timorense”.

Esta experiência didática foi realizada com alunos de duas turmas do 2ª Ciclo do Ensino Básico, 6ª ano, identificadas no presente artigo como Turma 1 e Turma 2, de uma escola situada no Porto, localizada numa zona residencial da classe média alta, mas, também, na proximidade de um bairro social de onde são provenientes muitos dos seus alunos. Na Tabela 1, apresentam-se as características de cada uma das turmas.

Nº de alunos por turma	Turma 1			Turma 2		
	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.
	20	10	10	27	14	13
Nº de alunos com NEE ao abrigo do Decreto-Lei nº3/2008	2			1		
Principais dificuldades da turma	Concentração Comportamento			Concentração		
Outras informações	- Ritmos de trabalho distintos; - Interessados; - Irrequietos.			- Participativos; - Curiosos; - Interessados; - Boas técnicas de escrita e oralidade.		

Tabela 1. Características das turmas participantes do 2º CEB

Os alunos da turma 1, na sua grande maioria, vêm de um meio socioeconómico baixo, com algumas carências económicas e de famílias desestruturadas. Tem dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo eles um rapaz com Síndrome de Asperger e uma rapariga com baixa visão e atraso cognitivo. A turma caracteriza-se pela heterogeneidade, existindo alunos mais distraídos e irrequietos, que geralmente não realizam os trabalhos de casa nem passam as anotações para os cadernos. Por outro lado, tem também alunos participativos e empenhados nas suas tarefas diárias. É importante salientar que a grande maioria dos alunos tem um aproveitamento escolar mediano e o comportamento, regra geral, é positivo. No entanto, constatámos uma certa desordem na realização das atividades mais práticas, que pensamos

dever-se ao facto de não estarem habituados a este tipo de tarefas e não terem interiorizado as regras estabelecidas para a realização das mesmas.

A turma 2 integra um aluno diagnosticado com dislexia e é maioritariamente constituída por alunos de nível socioeconómico médio alto. Os alunos desta mesma turma são participativos, curiosos e interessados nos conteúdos abordados e exercitados em sala de aula. Demonstram boas técnicas de escrita e oralidade e apresentam, na generalidade, bons resultados de aprendizagem.

Na planificação da experiência, além da lecionação dos conteúdos referidos, tivemos em consideração a missão definida pelo Agrupamento a que pertence a Escola onde intervimos “criação de condições para uma vida em conjunto numa escola singular, potenciando competências cada vez mais necessárias, num mundo plural”, criando espaço em sala de aula para que os alunos refletissem sobre diferentes opiniões relativamente a uma mesma temática, respeitando-as.

A aula iniciou-se com a audição da música *Aquele Inverno*, da banda musical Delfins, para relembrar os conteúdos relativos à Guerra Colonial e a sua relação com a revolução do 25 de abril de 1974, já lecionados, após a qual, em diálogo com a professora, exploraram as ideias principais e localizaram num mapa fornecido pela docente as colónias africanas que até 1974 integraram o Império Português.

Os alunos foram então convidados a registar por escrito as suas ideias sobre a descolonização portuguesa ocorrida após a Revolução de 1974, respondendo a duas questões formuladas pela professora:

1. O que entendes por descolonização?
2. Já ouviste falar dos “retornados de África”? Sabes quem foram?

Posteriormente, com recurso a um *power point* e ao vídeo intitulado *Ponte aérea da TAP trouxe centenas de milhares de retornados de África*, com imagens da época, a professora desenvolveu o conteúdo sobre a Descolonização e os “retornados” de África. Durante o diálogo que então se estabeleceu e no qual os alunos, quer numa turma, quer em outra, se mostraram muito motivados em participar e partilhar as suas ideias, referindo alguns deles situações vividas por familiares próximos, foi possível à professora clarificar conceitos, esclarecer dúvidas e aprofundar conhecimentos. Depois do conteúdo abordado, os alunos responderam ao seguinte questionário final:

- 1 – O que foi a descolonização portuguesa?

2 – Quem foram e como vieram para Portugal os chamados “retornados de África”?

A análise dos dados

A análise efetuada às respostas dos alunos permitiu apurar que no conjunto das duas turmas, relativamente ao questionário inicial, 82% dos alunos responderam à primeira questão e 39% responderam à segunda. Em ambas questões, a maioria dos alunos registou uma resposta válida – na primeira, 73% dos alunos, na segunda questão, 35%. 10% não responderam a nenhuma das questões. Numa perspetiva comparativa, as duas turmas apresentaram resultados próximos.

Da amostra selecionamos aleatoriamente algumas respostas referentes à primeira e segunda questão, respetivamente:

Aluno 1:

1. “Um país reconhecer o direito à independência a uma das suas colónias.”
2. “Já, são os combatentes que regressaram da guerra colonial africana.”

Aluno 2:

1. “Era a concedência de independência das colónias africanas.”
2. “Eram os portugueses que voltavam das colónias para Portugal.”

Aluno 3:

1. “Descolonizar o país, retirar tudo que era de Portugal.”
2. “Não.”

Aluno 4:

1. “Independência das colónias.”
2. (Não respondeu)

Aluno 5:

1. “A descolonização foi quando Portugal deu independência às colónias.”
2. “Eu acho que foram os milhares de portugueses que voltaram de África.”

Aluno 6:

1. “Foi a retirada dos portugueses nas respetivas colónias.”
2. “Sim, foram os infelizes que foram forçados a recambiar a Portugal, deixando tudo para trás.”

Relativamente ao questionário final, realizado após a lecionação dos conteúdos, verificámos que todos os alunos responderam a pelo menos uma das questões – 85% dos alunos responderam à primeira questão e 87% à segunda. Em ambas questões, a maioria registou uma resposta válida

– na primeira, 75% dos alunos, na segunda questão, 83%. Mais uma vez, e numa perspetiva comparativa, as duas turmas não divergiram nos resultados.

Aleatoriamente, transcrevem-se algumas das respostas registadas no segundo questionário e que, comparativamente às que foram registadas no questionário inicial, evidenciam uma progressão dos conhecimentos:

Aluno 1:

1. “A mesma da outra vez.”
2. “Sim, foram os coitados que foram forçados a deixar Portugal, deixando tudo para trás.”

Aluno 2:

1. “As colónias portuguesas em África tornaram-se independentes.”
2. “Foram milhares de portugueses que viviam nas colónias e voltaram a Portugal.”

Aluno 3:

1. “Foi quando a colonização de Portugal acabou.”
2. “Os Portugueses que tiveram de vir para Portugal.”

Aluno 4:

1. “Que um país quer era uma colónia ter independência.”
2. “Os soldados que estavam a batalhar em África e voltaram para Portugal.”

Aluno 5:

1. “A descolonização foi quando Portugal cedeu a independência às colónias.”
2. “Sim. Eles foram as centenas de milhares de pessoas que voltaram de África para começar uma vida nova.”

Aluno 6:

1. “Um país reconhecer o direito à independência de uma das suas colónias.”
2. “Não alterei a minha perceção.”

Conclusão

Esta experiência didática permitiu verificar que, apesar da resistência inicial dos alunos em responder a questões sobre um conteúdo ainda não lecionado, alegando nada saber sobre o assunto, a maioria respondeu de forma válida. Num universo de 47 alunos, a maioria possuía um conhecimento prévio sobre a descolonização e os “retornados de África”, conhecimento esse obtido, como se percebeu pelas suas intervenções na aula, sobretudo, em contexto familiar, frequentemente, a partir das memórias partilhadas pelos familiares que viveram nas antigas

colónias africanas portuguesas e que na sequência da Revolução do 25 de abril retornaram ou vieram pela primeira vez para Portugal.

O reconhecimento da existência das ideias prévias dos alunos pelos próprios alunos constituiu uma mais-valia para a aprendizagem, potenciando a sua motivação, participação na aula, desenvolvendo a capacidade de argumentação e espírito crítico.

Referências Bibliográficas

Alves, Luís Alberto Marques et al. (2012), “Ideias dos alunos sobre o “seu” passado doloroso a Guerra Colonial Portuguesa”. *Em Tempo de Histórias*, n.º 21, ago.-dez., 7-31.

Melo, Maria do Céu de (2001), “O conhecimento tácito substantivo histórico dos alunos: no rasto da escravatura” in Isabel Barca (org.), *Perspectivas em Educação Histórica: actas das Jornadas Internacionais em Educação Histórica*. Braga: Centro de Estudos em Educação do Instituto de Educação, 45-53.

Melo, Maria do Céu de (2009), “Palavras iniciais” in Maria do Céu de Melo (org.) – *O Conhecimento (Tácito) Substantivo Histórico: Polifonia de alunos e professores*. Braga: CIE., 3-11.

Perrenoud, Philippe de (2000), *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

Veríssimo, Helena (2004). A Aprendizagem Activa. *Boletim O Ensino da História*, nº27/28.